

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a)
autor(a), o texto completo desta tese
será disponibilizado somente a partir
de 22/06/2018.

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Animais e homens de um oriente distante

(Séculos XII – XIV)



Rafael Afonso Gonçalves

Franca
2016

Rafael Afonso Gonçalves

Animais e homens de um oriente distante

(Séculos XII – XIV)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Franca, como pré-requisito para a obtenção do Título de Doutor em História. Área de Concentração: História e Cultura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Susani Silveira Lemos França

Franca
2016

Gonçalves, Rafael Afonso.

Animais e homens de um oriente distante (séculos XII-XIV) /
Rafael Afonso Gonçalves. – Franca : [s.n.], 2016.

259 f

Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Orientadora: Susani Silveira Lemos França

1. Idade Média - História. 2. Animais na literatura.
3. Pintura e ilustrações de animais. I. Título.

CDD – 950

Rafael Afonso Gonçalves

Animais e homens de um oriente distante

(Séculos XII – XIV)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* de Franca, como pré-requisito para a obtenção do Título de Doutor em História.
Área de Concentração: História e Cultura

Linha de Pesquisa: História e Cultura Social

Banca examinadora

Prof.^a Dr.^a Susani Silveira Lemos França (presidente)
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/campus Franca)

Prof.^a Dr.^a Márcia Regina Capelari Naxara
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/campus Franca)

Prof.^a Dr.^a Maria Eurydice de Barros Ribeiro
Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dr. Paulo Catarino Lopes
Universidade Nova de Lisboa (UNL – CHAM/TEM)

Prof.^a Dr.^a Ana Paula Tavares Magalhães
Universidade de São Paulo (USP)

Franca, 22 de junho de 2016.

Para a Susani e o Jean

AGRADECIMENTOS

A realização desta tese contou com o auxílio de pessoas e instituições que fizeram com que suas páginas fossem escritas não apenas com muito esforço e trabalho, mas também com certo prazer e paixão. Primeiramente, gostaria de agradecer à UNESP, instituição responsável por minha formação universitária e acadêmica, e que colocou à minha disposição todos os meios necessários e desejáveis para a elaboração e a confecção deste trabalho. À CAPES, por ter proporcionado o apoio financeiro para a viabilização da pesquisa aqui apresentada, incluindo aí o estágio realizado por meio do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior.

Meus agradecimentos vão também à Susani Silveira Lemos França, orientadora desta tese, por todo cuidado e carinho com que acompanhou minhas pesquisas ao longo desses últimos dez anos, e com quem aprendi um ofício. À Michèle Guéret-Laferté, por ter me acolhido atenciosa e generosamente durante o estágio realizado junto à Universidade de Rouen. Às professoras Márcia Regina Capelari Naxara e Maria Eurydice de Barros Ribeiro, pela cuidadosa leitura e sugestões no exame de qualificação. Pela preciosa ajuda e amizade, ao Rafael de Oliveira Falasco, Waslan Sabóia, Jean Marcel Carvalho França e Ricardo Alexandre Ferreira. Estendo meus agradecimentos também aos amigos que, de formas diversas, contribuíram para a realização deste trabalho, Simone F. G. de Almeida, Ricardo Inostroza Rivera, Ulisse Bocchero, Fouzia Djouadi e Imane Riane.

Deixo aqui também expressa gratidão à minha família, entre eles, Antônio Carlos, Eva, André, Carlos Eduardo, Cristiane, João Gabriel, Ana Maria, Wilson e Gabriela, que não deixaram faltar palavras de incentivo. Em especial, agradeço à Ana Carolina de Carvalho Viotti, minha esposa, que com todo afeto se dedicou a rever cada página desta tese, sempre disposta a ouvir sobre os progressos desta pesquisa; e a meu filho, Henrique A. Gonçalves, que com sua graça e inteligência me dá motivos para sorrir e seguir em frente.

Que já houve um tempo em que eles conversavam, entre si e com os homens, é certo e indiscutível, pois que bem comprovado nos livros das fadas carochas. Mas, hoje-em-dia, agora, agorinha mesmo, aqui, aí, ali, e em toda parte, poderão os bichos falar e serem entendidos, por você, por mim, por todo o mundo, por qualquer um filho de Deus?!

“Conversa de Bois”, João Guimarães Rosa

GONÇALVES, Rafael Afonso. **Animais e homens de um oriente distante (séculos XII-XIV)**. 2016. 259 f. Tese. (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2016.

RESUMO

A partir de meados do século XII, um número significativo de letrados cristãos passou a reunir descrições de diversos animais – quadrúpedes, aves, peixes e serpentes – em livros que ficaram conhecidos sob a designação “bestiários”. Entre a coleção de bichos ajuntados por eles, encontravam-se espécies relativamente comuns na Europa, mas sobretudo aquelas “estranhas” e desconhecidas, que acreditavam habitar em lugares como a Pérsia, a Arábia, a Índia, enfim, em um oriente que costumavam ver apenas por meio de escritos legados pelos sábios antigos ou pelas autoridades cristãs. No século XIII, entretanto, o novo tabuleiro político-militar, que veio a dar lugar ao avanço dos domínios mongóis, tornou possível aos latinos aliar condições e esforços para se aplicarem no envio frequente de homens para as terras orientais, nomeadamente a Mongólia e a China. Os animais dessas plagas, cujo retrato havia sido em parte difundido pelos bestiários, mas em parte eram ainda desconhecidos nas terras ocidentais, passaram a ser alvo da atenção desses viajantes, atentos, também, ao poder dos soberanos orientais e às possibilidades de converter os povos encontrados à fé cristã. A proposta central deste estudo é examinar o lugar reservado aos animais tanto nos bestiários quanto nesses relatos, em um período circunscrito entre meados do século XII e meados do XIV, quando as viagens para o oriente acabaram por ser dificultadas dada a fragmentação dos territórios anteriormente controlados pelo Grande Cã. Debruçando-se sobre esses cerca de dois séculos, estas páginas são dedicadas a perscrutar as diversas referências à fauna que ilustram o desejo desses homens de desvendar suas qualidades, seus comportamentos e suas serventias às gentes daquelas terras distantes.

Palavras chave: Animais – Viagens – Oriente – Natureza – Idade Média

GONÇALVES, Rafael Afonso. **Animals and men from a faraway East** (XIIth – XIIIth centuries). 2016. 259 f. Thesis. (PhD in History) – Faculty of Human and Social Science, São Paulo State University, Franca, 2016.

ABSTRACT

From the mid-twelfth century, a significant number of cultivated Christians began to gather descriptions of various animals – quadrupeds, birds, fishes and snakes – in books known as “bestiary”. Among these collections of beasts, there were species relatively common in Europe, but especially some “strange” and unknown ones, which were believed to dwell in places like Persia, Arabia, India; in an East they used to see only through the written legacy by the ancient or the Christian authorities. In the thirteenth century, however, the new political-military board, with the significant expansion of the Mongols areas, made possible for Latins to ally conditions and efforts to apply the frequent deployment of men to the eastern lands, including Mongolia and China. Animals of those sites, whose portrait was partly spread by the bestiary, but partly were still unknown in Western lands, became to draw the travellers’ attention, who were aware, too, to the power of Oriental sovereigns and the possibilities of converting Eastern people to the Christian faith. The central purpose of this study is to examine the place reserved for animals, both in the bestiary as in these reports, in a period from the mid-twelfth century to the middle fourteenth century. Then, traveling to the East eventually became tougher, given to the fragmentation of previously controlled territories by the Great Khan. Leaning over these nearly two centuries, these pages are devoted to scrutinizing the various references to fauna, references that illustrate the desire of these men to unveil the qualities, the behaviour and the possible uses of animals to the people of those faraway lands.

Key words: Animals – Travels – East – Nature – Middle Ages

GONÇALVES, Rafael Afonso. **Animaux et hommes d'un orient lointain** (XII^e – XIII^e siècle). 2016. 259 f. Thèse. (Doctorat en histoire) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2016.

RÉSUMÉ

À partir du milieu du XII^e siècle, un grand nombre de savants chrétiens ont commencé à recueillir des descriptions sur divers animaux - quadrupèdes, oiseaux, poissons et serpents – dans des livres devenus connus sous le nom de “bestiaires”. Parmi la collection des bêtes réunies pour ces savants, il y avait des espèces relativement communes en Europe, mais surtout celles “étranges” et inconnues, qu'ils croyaient habiter dans des endroits comme la Perse, l'Arabie, l'Inde, enfin, dans un orient qu'ils étaient habitués à voir par les écrits hérités des anciens sages ou des autorités chrétiennes. Au XIII^e siècle, cependant, le nouvel échiquier politique-militaire, ce qui a donné lieu à l'avance des domaines mongols, a permis l'existence des conditions et des efforts pour l'envoi fréquent d'hommes aux pays d'orient, y compris la Mongolie et la Chine. Les animaux de ces régions, dont le portrait a été en partie diffusé par le bestiaire, mais en partie était inconnus dans les pays occidentaux, est devenu cible d'attention de ces voyageurs, attentifs, aussi, au pouvoir des souverains orientaux et aux possibilités de convertir les gens à la foi chrétienne. L'objectif central de cette étude est d'examiner la place réservée aux animaux, tant chez les bestiaires que chez les récits de voyage, dans une période limitée entre le milieu du XII^e siècle et le milieu du XIV^e, lorsque les voyages à l'orient ont été entravés, étant donné la fragmentation des territoires contrôlés précédemment par le Grand Khan. Penché sur ces près de deux siècles, ces pages sont consacrées à scruter les diverses références à la faune qu'illustrent le désir de ces hommes de dévoiler leurs qualités, leurs comportements et leurs valeurs chez les peuples de ces contrées lointaines.

Mots-clés: Animaux – Voyages – Orient – Nature – Moyen Âge

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	37
Figura 2	39
Figura 3	51
Figura 4	52
Figura 5	78
Figura 6	94
Figura 7	99
Figura 8	106
Figura 9	127
Figura 10	131
Figura 11	148
Figura 12	154
Figura 13	170
Figura 14	175
Figura 15	183
Figura 16	187
Figura 17	194
Figura 18	206
Figura 19	218
Figura 20	224

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
PARTE I. Contemplar a natureza	23
Capítulo 1 Em direção ao oriente	24
Capítulo 2 Como inquirir as criaturas?	34
2.1 <i>O princípio de autoridade da natureza</i>	34
2.2 <i>A natureza feita livro</i>	40
2.3 <i>O animal simbólico</i>	45
2.4 <i>Exegese das bestas</i>	50
Capítulo 3 Os sentidos revelados.....	55
3.1 <i>A história inscrita na natureza</i>	55
3.2 <i>A ciência das bestas</i>	58
3.3 <i>O conhecimento de um objeto ausente</i>	64
PARTE II. O encontro com os animais	72
Capítulo 4 “Eu mesmo vi..”	73
Capítulo 5 A ampliação das fronteiras e os animais conhecidos.....	84
5.1 <i>Para além da Pérsia e da Armênia</i>	84
5.2 <i>Horizontes a galope</i>	90
5.3 <i>Repertório de espécies</i>	96
Capítulo 6 Estranhos e críveis	105
6.1 <i>Viagens a um outro mundo: do temor ao maravilhamento</i>	105
6.2 <i>No combate às fábulas</i>	114

Capítulo 7 O testemunho	118
7.1 <i>A autoridade do viajante</i>	118
7.2 <i>Animais divisados</i>	128
PARTE III. Dominar todas as criaturas	135
Capítulo 8 Animais diante dos homens	136
Capítulo 9 Domar os animais, domar a si mesmo	147
9.1 <i>Da alma animal</i>	147
9.2 <i>A besta interior e a exterior</i>	152
9.3 <i>Sob arbútrio dos santos</i>	157
9.4 <i>Um enlace moral</i>	164
Capítulo 10 Às ordens do imperador	173
10.1 <i>Entre festas e benesses</i>	173
10.2 <i>Viveiros, parques e cuidadores</i>	179
10.3 <i>Uma caçada com o cã</i>	185
Capítulo 11 A serviço dos homens	191
11.1 <i>Animais na mesa</i>	191
11.2 <i>Cobertos com couros, peles e penas</i>	198
11.3 <i>Montados para batalha</i>	205
11.4 <i>Os bichos, a fé e os ritos</i>	211
Capítulo 12 Entre fronteiras	220
12.1 <i>Seres monstruosos</i>	220
12.2 <i>Selvagens e bestiais</i>	228
CONSIDERAÇÕES FINAIS	232
MAPAS	236
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	241

APRESENTAÇÃO

“E Deus lhe ordenou comer, engendrar e dominar todas as criaturas da terra”.¹ Foi das páginas iniciais do livro do *Gênesis* que Jean de Marignolli, um franciscano enviado à China em meados do século XIV, valeu-se para lembrar a ordem dada ao primeiro ancestral da espécie humana.² As palavras do religioso diferem pouco daquelas encontradas nas *Escrituras*, por meio das quais um sem-número de leitores havia conhecido a sentença proferida ao homem pelo Criador: “Crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a, e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todos os animais que se movem sobre a terra”.³ A passagem possui importância dupla e articulada: é, ao mesmo tempo, a primeira vez que Deus se dirige diretamente a Adão; e a primeira vez que lhe é ordenada uma maneira de agir diante dos animais. Retomada inúmeras vezes por autores que, como Jean de Marignolli, desejavam recontar a narrativa da Origem, essa prescrição auxiliou seus contemporâneos a definirem o modo como deveriam se relacionar com outras criaturas. A sentença sugere uma hierarquia de valores baseada em uma cisão elementar estabelecida entre Deus, os homens e os animais. Deus, a quem todos os homens estavam sujeitos, ordenou-lhes subordinar todos os animais existentes no mundo. Assim, o fosso cavado entre eles e o Deus único da tradição judaica parecia espelhar aquele que surgia, então, entre si e o resto da criação animal.

Nessas poucas linhas recuperadas das passagens bíblicas, arquitetava-se a defesa de uma posição superior e singular reservada à espécie humana, atribuindo-lhe legitimidade para se beneficiar e se apropriar do mundo animal.⁴ Sua primazia erigia-se, então, sobre essa fenda sutil e fundamental que lhes fazia se sentirem aptos para explorar recursos naturais, essenciais para sua subsistência e prosperidade. As reflexões sobre o *status* da espécie humana não eram propriamente uma novidade entre os escritos cristãos, de modo que, em períodos anteriores à partida de Jean de Marignolli, outros já haviam chamado a atenção para as distinções que separavam o gênero humano de outras espécies. No século IV, Santo Agostinho definiu o homem na justa medida aberta entre os animais e Deus. Para ele, o ser humano era um ser

¹ MARIGNOLLI, Jean de. **Au jardin d'Éden**. Traduit du latin, présenté et annoté par Christine Gadrat. Toulouse: Anacharis Ed., 2009. p. 43.

² Todas as citações diretas efetuadas a partir de obras e edições escritas em língua estrangeira foram traduzidas por nós.

³ Gên, 1: 27-28.

⁴ Cf. THOMAS, Keith. **O Homem e o mundo natural**. Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 21-69.

“mortal e racional”:⁵ mortal, pois não se confundia com os seres eternos, como Deus ou os anjos; e racional porque era essa qualidade que o diferenciava de todas as outras criaturas viventes deste mundo.⁶ Todavia, entre os séculos XII, XIII e XIV, no seio de uma sociedade estratificada, que procurava enrijecer e colocar em evidência suas hierarquias, tais assertivas deram lugar a um problema que eles passaram a colocar a si próprios. Eles pareciam desejar, cada vez mais, falar sobre o que os diferenciava dos animais.

Um esforço para ordenar o que conheciam sobre a fauna intensificou-se entre os séculos XII e XIII com a produção de obras que, por sua pretensão de reunir informações acerca de um grande repertório de espécies animais, ficaram conhecidas como “bestiários”.⁷ Em versos e em prosa, em latim e língua vulgar, ilustrados ou não, esses textos renovaram o interesse dos cristãos sobre um conjunto amplo dos animais colocados sobre a terra. Entre a bicharada, encontrava-se uma diversidade de espécies, não só da Europa, mas também da África e, principalmente, da Ásia. As menções a esses animais faziam referência a lugares como o Egito, a Terra Santa, além da Índia e da Pérsia, regiões que, enfim, costumavam ser enquadradas entre as fronteiras ainda imprecisas do oriente. Era ali onde acreditavam habitar grande parte das espécies descritas em suas páginas, lugares que constituíam o palco da atuação dos personagens bíblicos, das crônicas das guerras romanas ou das conquistas lideradas por Alexandre.⁸ Conjugando diferentes fontes de informação e reescrevendo sob os signos do seu próprio tempo, essas obras tornaram possível aos cristãos saber da existência de diversas espécies encontradas em um oriente cujos limites não iam para além da Índia.

Tais configurações alteraram-se significativamente quando se tornou possível que um conjunto expressivo de europeus chegasse até esses lugares e, até mais além, na Mongólia e na China, confrontando-se com criaturas totalmente desconhecidas ou sobre as quais apenas haviam ouvido falar por meio de antigos tratados zoológicos. Em meados do século XIII, notícias vindas das fronteiras orientais da cristandade, da Hungria, da Polônia e da Morávia, sobretudo, davam conta de ataques realizados por povos que haviam conquistado um grande império que se estendia até os confins da Ásia.⁹ Durante a primeira metade do século XIII, os mongóis – ou tártaros, como eram mais frequentemente chamados –, haviam submetido um

⁵ AGOSTINHO. **A Trindade**. 2a ed. Trad. Agostinho Belmonte. Rev. Nair de Assis de Oliveira. São Paulo: Paulus, 1994. VII, 4, 7.

⁶ Cf. SALISBURY, Joyce E. **The Beast Within: Animals in the Middle Ages**. London and New York: Routledge, 1994.

⁷ BIANCIOTTO, Gabriel. **Bestiaires du Moyen Âge**. Paris: Stock, 1980.

⁸ ALEXANDRE de Paris. **Le Roman d'Alexandre**. Edited by E.C. Armstrong and Laurence Harf-Lancner. Paris: Le Livre de Poche, 1994.

⁹ Cf. TURNBULL, Stephen. **Genghis Khan and the Mongol Conquests: 1190-1400**. Oxford: Osprey, 2003; JACKSON, P. **The Mongols and the West. 1221-1410**. London: Pearson /Longman, 2005. p. 58-86.

vasto território que se estendia da Mongólia até o noroeste do Mar Negro, passando pelas estepes da Eurásia, além das regiões que correspondem hoje ao Irã, Iraque, Afeganistão e o norte da Índia. A conquista das últimas possessões da dinastia dos Song na China, por volta de 1279, só vinha confirmar o poderio do imenso império que se avizinhava. Diante da ameaça representada pelos conquistadores orientais, alguns homens, especialmente religiosos, foram enviados pelo papa e por monarcas cristãos para averiguarem quem eram os tártaros, quais eram seus objetivos e as dimensões e condições de suas terras.¹⁰ Nas terras de lá, esses viajantes se empenharam em registrar e legar uma palavra sobre os costumes e a fé praticada pelos orientais, mas não se limitaram a esses assuntos: em seus relatórios foram descritos, também, vários animais e outras criaturas encontradas naquelas paragens.

É desse processo de descrição e descoberta de um conjunto mais amplo de animais que trata esta tese. A partir de textos parcial ou completamente dedicados a apresentar as mais variadas espécies animais e de relatos escritos por viajantes que visitaram a Ásia nos séculos XIII e XIV, o propósito destas páginas é examinar como os cristãos de então atribuíram usos e sentidos às diversas espécies de animais. Considerando essa abertura das rotas para lugares de que possuíam memórias distantes e difusas, procuraremos avaliar também o impacto do contato com o interior da Ásia para o conhecimento e para o modo como os cristãos latinos entendiam as relações travadas com o mundo animal. Do confronto entre o repertório livresco e as informações adquiridas pela experiência da viagem, frestas permitem entrever o que concebiam ser o lugar dos animais, as restrições e as vantagens que lhe eram impostas sobre seu uso ou, ainda, as razões de seus comportamentos.

Para tanto, propomo-nos percorrer os registros sobre esses “animais do oriente”, tomando como ponto de partida o período anterior às grandes viagens intercontinentais. Em outras palavras, para entender em que medida essas criaturas sofreram um processo de redefinição, faz-se necessário examinar mais cuidadosamente determinados aspectos da maneira como esses animais eram descritos antes da abertura das rotas para a Ásia. Nesse sentido, a primeira parte da tese procura mapear, a partir dos bestiários – principais escritos que tratavam do tema –, quais eram as finalidades comumente atribuídas aos animais entre os séculos XII e XIII. Dessa questão condutora, serão desdobradas outras perguntas que incidem sobre os procedimentos utilizados por aqueles homens para explicar os significados presentes nas características e no comportamento dos animais. O que justificava o desejo de conhecê-

¹⁰ Sobre as descrições dos costumes das gentes presentes nas narrativas de viagem, Cf. GUÉRET-LAFERTÉ M. **Sur les routes de l'empire mongol**: Ordre et rhétorique des relations de voyage aux XIIIe et XIVe siècle, Paris: Honoré Champion, 1994; FRANÇA, Susani S. L. **Mulheres dos outros**: os viajantes cristãos nas terras a oriente (séculos XIII-XV). São Paulo: Editora Unesp, 2015.

los? Sobre quais bases estava assentada a credibilidade de suas informações? Qual era o espaço de interação entre homens e animais considerado por esses escritos? Para responder a essas e outras perguntas, o estatuto e a proveniência dos textos que davam sentido a esses bichos serão também investigados. Saber quem eram seus autores, em que meios circularam e quais eram suas principais finalidades, tendo em vista a sociedade que os produziu, são igualmente escopos neste percurso. Tais propósitos serão perseguidos ao longo dos três capítulos que compõem a primeira parte desta tese, com o fim de examinar aquilo que, como foi anunciado na citação inicial, os cristãos que viveram entre meados do século XII e a primeira metade do XIII entendiam como dominar esses animais, mesmo que distantes.

A abertura das rotas para o oriente e seu impacto na maneira como os viajantes percebiam esses animais e suas diferenças são o mote para a segunda parte destas análises.¹¹ Para compreender como se deu essa abertura, discorreremos sobre a aparição do império mongol nas notícias enviadas das fronteiras da cristandade e sobre as circunstâncias que levaram alguns líderes religiosos e seculares a enviarem homens para contatar os líderes dos invasores.¹² Foi com essa finalidade, como adiante se verá mais detidamente, que uma série de viajantes cruzou territórios muitas vezes ocupados por exércitos que não eram seus aliados, utilizando, inclusive, os meios de locomoção e abastecimento desses para chegar a lugares tão distantes quanto a China. Nessas investigações sobre os recursos e os motivos que levaram esses latinos a planejarem e a efetivarem essas incursões até o outro lado do mundo conhecido, permanecem no centro das atenções o papel desempenhado pelos animais. Fosse como transporte, fosse como riqueza, os animais de uma maneira ou de outra ajudaram a impulsionar essas empreitadas que tinham como primeira finalidade as alianças de cooperação e a disseminação da fé. E, para avaliar a relação entre as viagens e os animais conhecidos, procuraremos interrogar em que medida a ampliação das fronteiras se reverteu em uma ampliação da coleção de bichos, outrora conhecidos por meio dos bestiários. Em suma, nos quatro capítulos que compõem a segunda parte, o objetivo é entender quais eram e como eram descritas essas criaturas vistas pelos viajantes.

Por fim, a terceira parte desta tese procura centrar seu enfoque na relação entre homens e animais delimitada pelo testemunho dos viajantes. Para tanto, serão avaliados primeiramente os limites e os critérios utilizados para justificar a legitimidade dada ao homem

¹¹ POWER, E. The opening of the land routes to Cathay. In NEWTON, A. P. **Travel and Travellers of the Middle Ages**. New York: Barnes & Noble, 1968. p. 174-194.

¹² RICHARD, J. **La papauté et les missions d'Orient au moyen âge (XIIIe-XVe siècles)**. Rome : Collection de l'École Française de Rome 33, 1998; GONÇALVES, Rafael A. **Cristãos nas terras do Cã**. As viagens dos frades mendicantes nos séculos XIII e XIV. São Paulo: Editora da Unesp, 2013.

para submeter, ou melhor, para reinar sobre os animais. Algumas tópicas pareceram-nos mais esclarecedoras, por sua ênfase e pelos limites a que levavam a noção de como deveriam os homens se comportar diante de outras criaturas. O objetivo aqui é indicar como esses homens almejavam fazer coincidir suas ideias e preceitos com uma suposta lógica ordenadora do mundo animal, que, ao fim e ao cabo, faziam nascer em seus escritos. Dessa maneira, buscaremos desdobrar o jogo de forças que colocava em discussão definições essenciais para a organização e o desenvolvimento daquela sociedade a partir do que entendiam ser o divino, o humano e o bestial.

Cabe esclarecer que tais interrogações serão apresentadas prioritariamente a três conjuntos de textos: os bestiários, os tratados zoológicos e os relatos de viagens. Entre os primeiros, a obra pioneira a que foi atribuído na época o título de “bestiário”, diferindo-se, portanto, de outras compilações mais literais de obras antigas, advém da pena de Philippe de Thaon, monge anglo-normando que escreveu seu *Bestiário* entre 1121 e 1135.¹³ Além desse, foram analisados, sobretudo nos três primeiros capítulos, o *Livro das Aves*, cuja autoria é atribuída a Hugo de Folieto, e é datado entre os anos de 1132 e 1152;¹⁴ o *Bestiário divino*, de Guilherme, o clérigo da Normandia, composto por volta do ano de 1210;¹⁵ as duas versões do *Bestiário*, de Pierre de Beauvais: a “curta”, escrita provavelmente no início do século XIII, e a “versão longa”, que, entre os anos de 1246 e 1268, contou com a adição de trinta e quatro capítulos;¹⁶ O *Bestiário de Oxford*, também conhecido por *Ashmole 1511*, da primeira metade do século XIII; e, por fim, o Livro II do *De naturis rerum*, escrito no final do século XII por Alexandre Neckam.¹⁷ Apesar de não constituir um bestiário independente dos outros livros que compõem a obra, esse último texto possui pretensões e estratégias de apresentação dos animais muito semelhantes às dos demais bestiários, o que justificou sua inclusão no rol de documentos estudados.

Um segundo conjunto de textos por vezes evocado ao longo destas páginas é constituído por sumas e tratados zoológicos que, por motivos nem sempre idênticos, juntaram em suas páginas descrições específicas sobre um amplo repertório de espécies animais. Trata-

¹³ PHILIPPE de Thaon. *Bestiary*. In WRIGHT, Thomas. **Popular treatises on science written during the Middle Ages in Anglo-Saxon, Anglo-Norman, and English**. Parallel text. London: Dawsons of Pall Mall, 1965.

¹⁴ HUGO de Folieto. **O livro das aves**. Trad. Maria Isabel Rebelo Gonçalves Lisboa: Colibri, 1999.

¹⁵ GUILLAUME, le clerc de Normandie. *Bestiaire Divin*. In BIANCIOTTO, Gabriel. **Bestiaires du Moyen Âge**. Paris: Stock, 1980.

¹⁶ PIERRE de Beauvais. *Bestiaire*. In BIANCIOTTO, Gabriel. **Bestiaires du Moyen Âge**. Paris: Stock, 1980;

¹⁷ **LE BESTIAIRE**. Texte intégral traduit en français moderne par Marie-France Dupuis et Sylvain Louis. Paris: Philippe Lebaud Éditeur, 1988; NECKAM, Alexandri. **De naturis rerum libri duo**, with the Poem of the Same Author, *De laudibus divinae sapientiae*. Edited by Thomas Wright. London: Longman, Roberts and Green, 1863.

se de obras que desempenharam um papel importante para a vinculação e a circulação de um conhecimento sumarizado a respeito dos animais, obras que alimentaram e foram alimentadas por bestiários e relatos de viagens. Entre essas cinco ou seis fontes examinadas mais minuciosamente, incluem-se o *Sobre os animais*, escrito por Alberto Magno, entre 1258 e 1262, como comentário à tradução da *História dos animais* de Aristóteles;¹⁸ o *Livro das propriedades das coisas*, de Bartolomeu, o Inglês, também datado de meados do século XIII e que dedica parte de suas páginas para apresentar as espécies animais, inspirando viajantes da época como Jean de Mandeville;¹⁹ o *Livro do Tesouro*, um tipo de enciclopédia escrita pelo notário florentino Brunetto Latini, entre 1260 e 1266, em que reserva uma parte para tratar “das naturezas dos animais.”²⁰ Além dessas, são evocadas outras obras do mesmo período que têm entre suas tópicas os animais, como a *Imagem do Mundo* escrita por Gossouin de Metz e a enciclopédia produzida por Vincent de Beauvais.²¹

O conjunto de escritos que sustenta a maior parte das questões levantadas por este estudo é, entretanto, constituído essencialmente por relatos de viagem. Em geral, são esses textos que dão conta do percurso, do que foi visto e ouvido, das coisas realizadas no itinerário e das impressões dos viajantes sobre as terras e homens encontrados alhures; textos que, apesar do rótulo comum, agregam significativas diferenças entre si. Alguns, como o de autoria de João Pian del Carpine,²² foram escritos por religiosos em um contexto de temor e atenção para a possibilidade de uma invasão dos exércitos mongóis. Já outros, um pouco mais tardios, como o relato do franciscano Odorico de Pordenone, de meados do século XIV,²³ procuravam contar para um público mais amplo as maravilhas e a atuação missionária realizada entre povos orientais; e há, ainda, um livro como o de Marco Polo,²⁴ um relato de um jovem italiano que viveu cerca de vinte e cinco anos sob o serviço do câ e retornou para a Europa a tempo de narrar suas memórias.²⁵ Entretanto, todas essas peculiaridades que tornam

¹⁸ ALBERT, the Great. **Man and the Beasts**: De Animalibus Books 22-26. Introduction and traduction by James Scalan. New York: Medieval & Renaissance Texts & Studies, 1987.

¹⁹ RIBÉMONT, B. **Le Livre des propriétés des choses, une encyclopédie au XIVe siècle**. Paris: Stock, 1999.

²⁰ LATINI, Brunetto. **Le Livre du Trésor de Brunetto Latini**. Traduction, notes et commentaires par Bernard Ribémont et Silvère Menegaldo. Paris: Editions Champion, 2013.

²¹ METZ, Gossouin de. **Imagem do Mundo**. Edição, apresentação e tradução de Margarida. Santos Alpalhão, Lisboa, IEM, 2010; VINCENT de Beauvais. *Speculum Maius*. In PAULMIER-FOUCART, Monique; DUCHENNE Marie-Christine. **Vincent de Beauvais et le grand miroir du monde**. Turnhout, Brepols (Témoins de notre histoire), 2004.

²² CARPINE, João de Pian del. História dos mongóis. In _____ [et al.] **Crônicas de viagem**: Franciscanos no extremo oriente antes de Marco Polo (1245 – 1330). Porto Alegre: EDIPUCRS/EDUSF, 2005.

²³ PORDENONE, Odorico de. Relatório. In CARPINE, João de Pian del [et al.] op. cit.

²⁴ **O LIVRO de Marco Polo**. Sintra: Ed. Colares, 2000.

²⁵ Embora as particularidades de um homem como Marco Polo saltem aos olhos, não podemos desconsiderar que seu relato foi transcrito em francês por Rustichello de Pisa, quem encontrara na prisão, e quem também ajudou a traduzir para aquela época as experiências narradas pelo viajante.

cada um deles merecedor de um estudo próprio e aprofundado, como alguns historiadores têm feito, não ofuscam os enunciados comuns que permitem tratá-los como um conjunto discursivo relativamente homogêneo e delimitado.²⁶

Esses pouco mais de dez textos ostensivamente examinados constituem relatos testemunhais de algum cristão latino que afirmou ter viajado para além da Terra Santa entre os séculos XIII e XIV, e indicam, quando cotejados, um modo de organizar e narrar suas experiências no oriente com certa regularidade ou até certa repetição de enunciados e práticas que entrecruzam homens e animais. Entre os viajantes selecionados estão Guilherme de Rubruc, cujo *Itinerário* data de meados do século XIII; Jordan Catala de Sévérac, um dominicano que escreveu um *Livro de Maravilha* por volta de 1330;²⁷ e, ainda, Jean de Mandeville, autor das *Viagens*,²⁸ escrita em meados do século XIV, em que afirma ter viajado ele mesmo por grande parte da Ásia, apesar dos claros indícios de que tenha simplesmente compilado de outros textos. Tendo em vista o amplo espaço geográfico tratado nos relatos, alguns mapas foram elaborados e incluídos ao final desta tese, indicando os principais locais de que falam os viajantes e algumas das rotas por eles palmilhadas. Ao longo dos capítulos serão apresentadas igualmente figuras extraídas de versões manuscritas de bestiários e de relatos de viagem, não como objeto de análise, mas pelo menos para não deixar sem menção que os animais descritos nesses textos ganharam uma feição iconográfica nos documentos da época.

Para acompanhar a dinâmica e os mecanismos mobilizados para o envio desses cristãos ao oriente, pareceu apropriado circunscrever um recorte geográfico que não está propriamente vinculado a um reino específico ou a uma única instituição. Dessa forma, tomando como ponto de referência os lugares onde era produzido esse saber, é possível verificar a ocorrência de duas regiões principais: as cidades-estado da Itália e a França. Além disso, considerando que a Normandia, onde foram escritos alguns dos bestiários, havia sido anexada ao reino dos francos no início do século XIII, consideramos oportuno incluí-la nessa demarcação. Assim, optamos por conceber como espaço de referência essa faixa que cruza o centro e o norte da Itália e vai até o norte da França, fazendo algumas concessões a obras normandas produzidas ao sul das ilhas britânicas.

²⁶ Cf. FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

²⁷ SÉVÉRAC, Jordan Catala. *Les Mirabilia descripta*. In GADRAT, C. **Une image de l'orient au XIV^{ème} siècle**: les *Mirabilia descripta* de Jordan Catala de Sévérac. Paris : École des chartes, 2005.

²⁸ **VIAGENS de Jean de Mandeville**. Tradução, introdução e Notas de Susani Lemos França. Bauru: Edusc, 2007.

Tal recorte geográfico apresenta a vantagem de articular esferas de poder estritamente vinculadas à promoção das viagens à Ásia: o papado, o rei dos francos e as ordens mendicantes. Essas três camadas, como será visto nas próximas páginas, estavam articuladas na efetivação do envio de religiosos para o oriente. O caso do já citado Frei Jean de Marignolli pode fornecer melhores dimensões dessas esferas. Trata-se de um frade franciscano originário de um pequeno vilarejo de Florença, enviado como legado papal ao oriente por volta de 1338. Ele partiu do sudoeste da França, onde se encontrava instalada a Sé episcopal, no que ficou conhecido como “o papado de Avignon” e, ao chegar à China, descobriu que todos os latinos eram conhecidos na corte do cã por “francos”: “é assim que eles nos chamam, não a partir da palavra França, mas a partir do reino dos francos”,²⁹ comenta o religioso. Ao considerar essa área mais ampla de território, é possível detectar uma dinâmica e circulação de informações mais abrangente, que, tendo em vista o tamanho e a distância de seus propósitos no oriente, pareciam aglutinar ao seu entorno referências comuns.

Em meados do século XIV, crescem os conflitos gerados pela autonomia dos canatos ocidentais em relação ao Grande Cã da China e, ao mesmo tempo, são estabelecidas barreiras que dificultam a passagem dos cristãos latinos, tornando, portanto, cada vez mais escassos os relatórios sobre aquelas paragens. Nesse contexto, do mesmo modo que a unidade do império havia permitido a circulação de cristãos por uma larga extensão das terras asiáticas, as contendas entre os líderes mongóis responsáveis pelo controle de cada região tornaram novamente inviável a existência desse tipo de movimentação. Este estudo debruça-se, pois, sobre um período circunscrito entre meados do século XII, quando há a renovação de um interesse acerca dos animais manifesto sobretudo nos bestiários, até meados do século XIV, época em que os testemunhos vindos do oriente distante conhecem um agudo decréscimo. Nesses cerca de dois séculos que balizam as investigações apresentadas nesta tese, é possível observar em que medida o que eles conheciam sobre uma parcela significativa dos animais e as práticas a que esses eram submetidos sofreu alterações por conta de um contato que passava, doravante, a ser direto, ocular, testemunhal.

Justificar a escolha do tema que inquieta este estudo já não é mais uma tarefa espinhosa ou um exercício de convencimento sobre sua seriedade e importância. Desde os idos de 1980, especialmente após a publicação da obra do medievalista Robert Delort, cujo o título é ao mesmo tempo uma afirmação e uma defesa desse campo de estudos, *Os animais tem uma história*,³⁰ muitos outros historiadores voltaram suas reflexões para entender a

²⁹ MARIGNOLLI, Jean de. op. cit., p. 32.

³⁰ DELORT, Robert. **Les animaux ont une histoire**. Paris: Éditions du Seuil, 1984.

presença de diferentes espécies junto aos homens do passado. Ao longo dos anos 1990 e 2000, historiadores de peso, como Michel Pastoureau,³¹ articularam áreas da história aparentemente distantes, como a jurídica, o campo dos símbolos e o das artes, para entender o que faziam aqueles animais nos tribunais, nos altares e nos brasões da nobreza medieval. Da arqueozologia aos estudos que chamamos, por falta de expressão melhor, de história cultural, uma significativa historiografia foi além da afirmação presente no título do livro de Robert Delort para mostrar que os animais não tinham uma, mas sim, e no plural, várias histórias.³²

A delimitação desse campo de estudos não se mostrou – como não podia deixar de ser – isenta de disputas ou da eleição de alguns “inimigos”, que passavam a ser acusados de ter alimentado uma indiferença em relação ao tema ou de tê-lo relegado a uma história menor ou à condição de um “simples” *fait divers*.³³ Mas a própria historiografia, nesse caso, parece ter vindo a reboque de um ativismo que despertou nas décadas de 60 e 70, e passou então a estender as bases do discurso ecológico e ambientalista para meios mais amplos da sociedade, inclusive para as universidades. Em 1975, o filósofo australiano Peter Singer deu provas da força alcançada por essas discussões, não sem um certo furor, com a publicação de seu livro *Libertação Animal*,³⁴ em que sugere uma ampliação dos direitos de outras espécies animais, incluindo-as dentro da comunidade moral reservada até então apenas aos humanos. Denunciando aquilo que ficou conhecido como especismo, isto é, práticas de segregação e exclusão de outras espécies que compara, inclusive, àquelas praticadas pelo racismo, ele colocou em discussão o modo como era vedado a todas as outras criaturas o campo de consideração da dor e do sofrimento. Alguns anos antes, em 1967, um outro medievalista, Lynn White, da Universidade da Califórnia, publicou na revista *Science* seu impactante e polêmico artigo “As raízes históricas da atual crise ecológica”,³⁵ argumentando que algumas crenças cristãs, elaboradas durante o período medieval, estavam na origem do modo predatório e insustentável de lidar com o meio ambiente, o que havia levado o mundo ao que chamou de “crise ecológica”.

As ambições deste estudo, diga-se já, são mais modestas. Não contemplam identificar no passado os culpados pelos problemas ambientais ou ecológicos atuais, tampouco procuram

³¹ PASTOUREAU, Michel. **Bestiaires du Moyen Age**. Paris: Seuil, 2011; _____. **Os animais célebres**. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2015.

³² COLARDELLE, Michel (dir.). **L'homme et la nature au Moyen Age**: Paléoenvironnement des sociétés occidentales. Paris: Editions Errance, 1996; RESL, Brigitte (ed.). **A cultural history of animals in the Medieval Age**. Oxford, New York: Berg, 2007.

³³ BECK, C; GUIZARD, F. (éd.). **La bête captive au Moyen Âge et à l'époque moderne**. Amiens: Encrege université, 2012. p. 9-10.

³⁴ SINGER, Peter. **Libertação animal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

³⁵ WHITE, L. The historical roots of our ecologic crisis. **Science**, 153, pp. 1203–1207, 1967.

“raízes” de um processo supostamente único e linear que teria colocado no centro das discussões a relação que estabelecemos com o mundo natural e com outras espécies. Articulando descrições das características dos animais e as práticas a que eram submetidos, esta tese procura interrogar como se tornou possível e desejável o conhecimento e a interação com uma parcela de criaturas encontradas em lugares muito distantes da Europa, mas que, de alguma maneira, atuaram para a regulação e manutenção dessa sociedade. Assim, ao dar voz a esses documentos de época, almejamos destacar os significados que davam a essa parcela da criação e o estatuto que atribuíam a esse saber. Seja evocando o comportamento de uma ave para punir um fiel transgressor, seja montando em um quadrúpede para cruzar um deserto, a figura desses animais aparece vinculada aos homens, diferenciando-os, definindo-os.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos capítulos aqui apresentados, esbarramos amiúde com uma ideia persistente, a de que, nessa série de tratados, bestiários e relatos de viagem escritos por cristãos entre meados do século XII e o século XIV, não é possível compreender os animais sem considerar os vínculos que os uniam aos homens. Isto é, desses escritos, salta aos olhos a convicção de que todos os animais colocados sobre a terra guardavam utilidades e significados que deveriam ser entendidos e observados pelos homens e a partir da relação que estabeleciam com eles. Ficava interdito a esses latinos, portanto, olhar para os animais sem remontar a existência de uma finalidade prévia, incutida por Deus, que deveria ser desvendada e usufruída. Para quem acreditava piamente que todos os animais haviam sido criados apenas para atender às necessidades de uma única espécie, a espécie humana, não era admissível conceber uma explicação para suas características e comportamentos fora da esfera de suas serventias, espirituais inclusive. Essa concepção referia-se não apenas aos bichos cuja proximidade permitia o contato físico, mas sobretudo aqueles “raros” e “estrangeiros” – aqueles que deveriam servir mesmo alhures. Tomadas em conjunto, como nos leva a pensar os doze capítulos apresentados, as descrições dos animais do oriente indicam o enrijecimento da crença em que o homem deveria exercer seu domínio sobre a totalidade das espécies. Assim, dos contornos dessa fauna, forjavam lições para saberem como se comportar, quais hierarquias respeitar e em quais dogmas acreditar; contornos dos quais, aqueles que a descreviam ganhavam também a sua forma.

Que homens são esses de quem os animais nos falam? Quem são esses vultos que os seguem e os observam? Certamente não se trata de um ser único que tomou ali uma feição alterada de quando em vez, ou de um sujeito determinado pelas condições de exploração dos bens e recursos naturais. Sem dúvida, trata-se de homens atados às verdades de seu tempo, que deixam saber, por meio de seus escritos, os pressupostos que os permitiram formular preceitos e saberes baseando-se no mundo animal. São eles, pois, produto de uma época que encontrou nos animais respostas e parâmetros para sustentar o modo como viam e agiam sobre o mundo natural. Para tanto, esses cristãos tomavam como ponto de partida uma cisão que para eles se tornou fundamental, isto é, sua humanidade estava inscrita entre a busca de suas semelhanças com Deus e o que os diferenciava das bestas. A partir dos textos deixados por esses latinos dos séculos XII, XIII e XIV, é possível delimitar um quadro da criação em que os privilégios e direitos para a ação sobre o mundo natural, bem como sobre outros homens, são justificados por sua posição em relação a todas as outras espécies.

O surgimento dos bestiários foi um marco na tentativa de ordenação de conhecimentos ainda dispersos em um único tipo de escrito, cuja pretensão era descrever as naturezas dos bichos espalhados pelo mundo. O utilitarismo com que manejavam as informações sobre eles, sempre na direção de extrair seus sentidos e serventias, levou-os a destacar, dentro do que sabiam acerca dessas bestas, a intenção divina, isto é, eles decantaram dessas descrições um conjunto de características, chamadas então de “naturezas”, em que consideravam estar presente uma Razão superior e deduzível. Um repertório amplo de animais passava a dar suporte às prescrições e doutrinas, com o fim último de admoestar os fiéis a adotarem um modo de ser e de agir. Lidos no âmbito das cortes, das paróquias e dos mosteiros, os bestiários eram destinados a expandir para um campo físico e profano a existência de uma ordenação espiritual e sagrada. As descrições presentes nessas obras amparavam-se em uma analogia que avizinhou a Natureza e a *Bíblia* – ambas produto de um mesmo autor –, fazendo uso de estratégias semelhantes para desvelarem seus significados. À moda dos exegetas, mas debruçando-se sobre características do comportamento dos animais, eram extraídas camadas de significados – o literal, o moral e o teológico, sobretudo – que faziam orbitar em torno desses seres uma simbologia plena de ensinamentos e instruções. Como poderia o homem, pois, diferenciar-se das bestas, se essas obras muitas vezes convidavam a se espelhar justamente nelas, na nobreza do leão ou na fidelidade do cão, por exemplo? A essa pergunta devolviam uma insistente resposta: cabia aos homens contemplá-las e reter delas as mensagens endereçadas a eles, assim como deveriam observar aquelas lições presentes nas passagens bíblicas. Afinal, como dizia o autor do *Livro das Aves*, “a obra da natureza confirma o que a Escritura anuncia”.¹

A abertura das rotas para a Ásia profunda, possibilitada pela estrutura de transporte e abastecimento controlada pelos tártaros, fomentou o surgimento de certas demandas que acabaram por enfraquecer o conhecimento exegético e místico sobre esses animais, outrora centrado na analogia com o “Livro da Natureza”, em favor do conhecimento testemunhal e por contato direto. A necessidade de comunicar-se com os chefes daqueles exércitos levou autoridades da cristandade a enviarem homens a lugares como a Mongólia e a China, sobre os quais não tinham qualquer informação, ou sobre a Índia, de onde as histórias da antiguidade e os mapas-múndi destacavam a existência de criaturas não vistas na Europa. A ausência de informações precisas sobre aquelas terras estranhas ou novas abriu espaço para a concorrência de um outro tipo de escrito, eminentemente fundamentado no testemunho ocular e direto. De

¹ HUGO de Folieto. *O livro das aves*. Trad. Maria Isabel Rebelo Gonçalves Lisboa: Colibri, 1999. p. 151.

uma perspectiva exterior e visual, os relatos de viagem passavam a enquadrar os animais a partir das qualidades das terras onde eram encontrados e de seu contato com outras espécies, mas sem deixar de considerar a relação com o homem como seu eixo central. A diversidade dos animais parecia, então, acompanhar a diversidade das gentes que conheciam em um oriente que, pouco a pouco, ganhava traços mais precisos.

Os relatos de viagem capturavam essa coleção de espécies a partir de balizas geográficas, relacionando-a com outros elementos presentes nos lugares divisados. Desse modo, as narrativas davam ensejo ao estabelecimento de semelhanças e analogias que, doravante, abriam mão da exposição feita a partir de suas naturezas, como era comum nos bestiários. Ao associar as estranhezas dos animais vistos por lá às diferentes crenças e costumes dos nativos, esses escritos passaram a responsabilizar os homens pelas características e os comportamentos dos animais. Para explicar o papel exercido pelo homem sobre outras criaturas, o ponto de partida estabelecido foi uma relação interior, calcada na substância espiritual presente em sua alma, que, como acreditavam, por ser superior à matéria, possuía sobre ela um controle determinante. As traduções dos tratados aristotélicos, em especial o *De anima*, foram decisivas para a elaboração de uma distinção entre os homens e os animais, baseada em uma interpretação cristã da alma e suas divisões em vegetativa, sensitiva e racional.²

As discussões sobre as funções e as potencialidades da alma humana, no entanto, sugeriam que a ação do espiritual sobre o material se dava apenas pela via do exercício das virtudes, vinculadas então ao espiritual e ao racional. Como exposto, duas figuras emblemáticas para o universo compartilhado pela maior parte dos viajantes, São Francisco de Assis e o Grande Cã de Catai, delimitavam até que ponto o exercício das virtudes vinculava-se ao controle e à dominação do homem sobre o mundo animal. Por meio da relação estabelecida por esses personagens bem conhecidos por aqueles que visitaram o interior da Ásia entre os séculos XIII e XIV – um considerado exemplo de santidade para os meios clericais, outro visto como modelo de nobreza e soberania –, foi possível perceber que os parâmetros para convivência com outras espécies estavam vinculados a um julgamento sobre suas crenças e condutas. A obediência e a servidão com que os animais atendiam às ordens desses homens, que encarnavam modelos para o resto da sociedade, foram consideradas sinal de autoridade e legitimidade, não somente sobre essas criaturas, mas principalmente sobre os seres humanos.

² ARISTÓTELES. *De Anima*. Tradução integral direta do grego, ensaio introdutório, sumário analítico, léxico, bibliografia e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006.

Do confronto entre as práticas avistadas nas terras de lá e aquelas que lhes eram familiares, emergiam crenças e costumes que, de certo modo, haviam sido naturalizados pelos viajantes como genuínos e verdadeiros. Tais referências a respeito dos animais que compunham seu universo familiar eram constituídas tanto pela convivência direta e cotidiana da montaria, da alimentação e do vestir, por exemplo, quanto pela leitura de textos forjados em tempos e lugares diferentes. A apropriação desses textos, todavia, encaminhou-se no sentido de mostrar como a ordenação e os serviços prestados pelos animais se davam respeitando as qualidades e práticas dos humanos que viviam em seu entorno. Essa ligação tinha igualmente suas bases na autoridade das *Escrituras* e, em especial, em suas assertivas sobre como agiam os animais antes, durante e depois do primeiro pecado, para fundamentar crenças a respeito do vínculo entre virtudes e vícios humanos e o comportamento das bestas. Ao eleger a sujeição do mundo natural como sinal de superioridade e autoridade, abriu-se espaço para o desejo de monarcas e outros líderes de demonstrar a ordem que impunham a essas criaturas inferiores, reforçando, por consequência, sua dominância sobre seus súditos.

Nas páginas deste estudo, em suma, procurou-se examinar como foram atribuídos aos animais funções e sentidos diferentes a partir da afirmação da correspondência entre uma forma de pensar e uma suposta lógica da natureza.³ Amparada na analogia entre as *Escrituras* e o Livro da Natureza ou no contato direto, a existência e comportamento desses animais foram, por vezes, transformados em sustentáculo para o exercício da superioridade de alguns homens. Entre esses dois séculos aqui tratados, permanece o homem como figura que ordena o resto das criaturas terrestres, sob o argumento de seu sustento ou de sua salvação. Homens que acreditavam servir ao Deus justo, responsável por toda a Criação, servindo-se dos animais.

³ RORTY, Richard. **Filosofia e o espelho da natureza**. Trad. Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1.1 FONTES PRIMÁRIAS IMPRESSAS

BAKER, Craig (éd.). **Le bestiaire**: version longue attribuée à Pierre de Beauvais. Paris: Honoré Champion, coll. "Classiques français du Moyen Age", 2010.

CARPINE, João de Pian del. História dos mongóis. In CARPINE, João de Pian del [et al.] **Crônicas de viagem**: Franciscanos no extremo oriente antes de Marco Pólo (1245 – 1330). Porto Alegre: EDIPUCRS/EDUSF, 2005.

CATHAY and the Way Thither. Being a Collection of Medieval Notices of China. Vol. III. Trad. and Ed. by Henry Yule London: The Hakluyt Society, 2005.

DELUZ, C. **Le Livre de Merveilles du Monde**. Paris: CNRS, 2000.

DAWSON, C. **The Mongol Mission**. Narratives and letters of the Franciscan missionaries in Mongolia and China in the thirteenth and fourteenth centuries. Nova Iorque: Sheed and Ward, 1955.

GUILLAUME, le clerc de Normandie. Bestiaire Divin. In BIANCIOTTO, Gabriel. **Bestiaires du Moyen Âge**. Paris: Stock, 1980.

HUGO de Folieto. **O livro das aves**. Trad. Maria Isabel Rebelo Gonçalves Lisboa: Colibri, 1999.

LE BESTIAIRE. Texte intégral traduit en français moderne par Marie-France Dupuis et Sylvain Louis. Paris : Philippe Lebaud Éditeur, 1988.

MARIGNOLLI, Jean de. **Au jardin d'Éden**. Traduit du latin, présenté et annoté par Christine Gadrat. Toulouse: Anacharis Ed., 2009.

MERMIER, Guy. **Le Bestiaire de Pierre de Beauvais** (Version curte). Paris: A. G. Nizet, 1977.

MONTECORVINO, J. de. Cartas. In CARPINE, João Pian del.[et al.]. **Crônicas de Viagem**: Franciscanos no extremo oriente antes de Marco Pólo (1245 – 1330). Porto Alegre: EDIPUCRS/EDUSF, 2005.

NECKAM, Alexandri. **De naturis rerum libri duo**, with the Poem of the Same Author, De laudibus divinae sapientiae, Edited by Thomas Wright, London, Longman, Roberts and Green, 1863.

O LIVRO de Marco Polo. Sintra: Ed. Colares, 2000.

PHILIPPE de Thaon. Bestiary. In WRIGHT, Thomas. **Popular treatises on science written during the Middle Ages in Anglo-Saxon, Anglo-Norman, and English**. Parallel text. London: Dawsons of Pall Mall, 1965.

PHYSIOLOGOS, le bestiaire des bestiaires. Paris: Jérôme Million, 2004.

PIERRE de Beauvais. Bestiaire. In BIANCIOTTO, Gabriel. **Bestiaires du Moyen Âge**. Paris: Stock, 1980.

PORDENONE, Odorico de. Relatório. In CARPINE, João de Pian del [et al.] **Crônicas de viagem**: Franciscanos no extremo oriente antes de Marco Pólo (1245 – 1330). Porto Alegre: EDIPUCRS/EDUSF, 2005.

RICCOLD de Monte Croce. **Pérégrination en Terre sante et au Proche-Orient**, texte latin et traduction ; **Lettres sur la chute de Saint-Jean-d’Acre**, Trad. Par René Kappler. Paris: Honoré Champion Ed., 1997.

RUBRUC, Guilherme de. Itinerário. In CARPINE, João de Pian del [et al.] **Crônicas de viagem**: Franciscanos no extremo oriente antes de Marco Pólo (1245 – 1330). Porto Alegre: EDIPUCRS/EDUSF, 2005.

SÉVÉRAC, Jordan Catala. Les Mirabilia descripta. In GADRAT, C. **Une image de l’orient au XIV^{ème} siècle**: les Mirabilia descripta de Jordan Catala de Sévérac. Paris : École des chartes, 2005.

SIMON de Saint-Quentin. Histoire des Tartares. In RICHARD, Jean. **Au-delà de la Perse et de l’Arménie ; l’Orient latin et la découverte de l’Asie intérieure**: quelques textes inégalement connus aux origines de l’alliance entre Francs et Mongols, 1145-1262. Turnhout: Brepols, 2005.

VIAGENS de Jean de Mandeville. Tradução, introdução e notas de Susani Lemos França. Bauru: Edusc, 2007.

1.2 FONTES SECUNDÁRIAS IMPRESSAS

AGOSTINHO, Santo. **A doutrina cristã**: manual de exegese e formação cristã. São Paulo: Paulus, 2002.

ALBERT, the Great. **Man and the Beasts**: De Animalibus Books 22-26. Introduction and traduction by James Scalan. New York: Medieval & Renaissance Texts & Studies, 1987.

ALEXANDRE de Paris. **Le Roman d’Alexandre**. Edited by E.C. Armstrong and Laurence Harf-Lancner. Paris: Le Livre de Poche, 1994.

ANDREW Bishop of Zayton. Letter. In **CATHAY and the Way Thither**. Being a Collection of Medieval Notices of China. Vol. III. Trad. and Ed. by Henry Yule London: The Hakluyt Society, 2005.

ARISTÓTELES. **História dos animais**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

ARISTÓTELES. **De Anima**. Tradução integral direta do grego, ensaio introdutório, sumário analítico, léxico, bibliografia e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006.

BEDE. **On the Nature of Things and On Times**. Translated Texts for Historians. Liverpool: Liverpool University Press, 2010.

BEJCZY, István. **La lettre du Prête Jean**. Une utopie médiévale. Paris: Éditions Imago, 2001.

BRACCIOLINI, Poggio. **De L'Inde**. Les voyages en Asie de Niccolò de' Conti. Texte établi, traduit et commenté par Michèle Guéret-Laferté. Turnhout: Brepols, 2004.

CORBECHON, Jean. Livre des propriétés des choses. In BIANCIOTTO, Gabriel. **Bestiaires du Moyen Âge**. Paris, Stock, 1980.

CURLEY, Michael J. **Physiologus: A Medieval Book of Nature Lore**. Chicago: University of Chicago Press, 1979.

DAVID D'Ashby. Faits des Tartares. In BRUNEL, C. David d'Ashby, auteur meconnu des Faits des Tartares. In **Romania**. 79, pp. 39-46, 1958.

GERVAISE of Tilbury. **Otia Imperialia: Recreation for an Emperor**. BANKS, S.E.; BINNS, J. W. (ed.). Oxford Medieval Texts: Oxford University Press, 2002.

HILDEGARD von Bingen's Physica: the complete English translation of her classic work on health and healing. Rochester: Healing Arts Press, 1998.

HONORIUS Augustodunensis. Imago Mundi, ed. by Valerie Flint. **Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen Âge**, 49, p. 1-153, 1982.

HUGO DE SÃO VÍTOR. **Didascálicon – Da arte de ler**. Tradução Antonio Marchionni. Petrópolis: Vozes, 2001.

HVGONIS de Sancto Vitore. **Opera**, t. II: De tribus diebus. Edenda curauerunt D. Poirel e P. Sicard. Turnhout: Brepols, 2002.

ISIDORO de Sevilla. **Etimologías**. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 2004.

JACQUES de Vitry. **Histoire orientale = Historia orientalis**. Introduction, édition critique et traduction par Jean Donnadieu. Turnhout: Brepols (Sous la règle de Saint Augustin, 12), 2008.

LATINI, Brunetto. **Le Livre du Trésor de Brunetto Latini**. Traduction, notes et commentaires par Bernard Ribémont et Silvère Menegaldo. Paris: Editions Champion, 2013.

MATTHEW Paris' English History. Vol. I. Trad. Rev. J. A. Giles. London: 1852.

METZ, Gossouin de. **Imagem do Mundo**. 1245, edição, apresentação e tradução de Margarida. Santos Alpalhão. Lisboa: IEM, 2010.

OTTO I, Bishop of Freising. **The two cities: a chronicle of universal history to the year 1146 A.D.** New York: Columbia University Press, 2002.

PARIS, Matthieu. **Grande Chronique**. Vol. IV. Paris: Ed. Paulin, 1840.

PASCAL of Vittoria. Letter. In **CATHAY and the Way Thither**. Being a Collection of Medieval Notices of China. Vol. III. Trad. and Ed. by Henry Yule. London: The Hakluyt Society, 2005.

PLINIO, el Viejo. **História Natural**. Trad. Josefa Cantó, Isabel Gómez Santamaría, Susana González Marín e Eusebia Tarrío. Madrid: Cátedra, 2002.

REGNIER-BOHLER D. (dir.) **Croisades et pèlerinages**, Récits, chroniques et voyages en Terre sainte XIIIe-XVIe siècle. Paris: R. Laffont, 1997.

RICOLDO de Montecroce. Libelli ad Nationis orientalis. **Archivum fratrum praedicatorum**. Vol. XXXVII. Roma: Istituto Storico Domenicano, 1967.

RIBÉMONT, B. **Le Livre des propriétés des choses, une encyclopédie au XIVe siècle**. Paris: Stock, 1999.

SEMBAD. Lettre. In RICHARD, Jean. **Au-delà de la Perse et de l'Arménie ; l'Orient latin et la découverte de l'Asie intérieure**: quelques textes inégalement connus aux origines de l'alliance entre Francs et Mongols, 1145-1262. Turnhout: Brepols, 2005.

SOLINO, Cayo Julio. **Colección de hechos memorables o el erudito**. Madrid: Editorial Gredos, 2001.

SOLTANIA, Arcebishop of. The Book of the estate of the Great Caan. In **CATHAY and the Way Thither**. Being a Collection of Medieval Notices of China. Vol. III. Trad. and Ed. by Henry Yule. London: The Hakluyt Society, 2005.

THE VINLAND Map and the Tartar Relation. Ed. Skelton, R.A., Thomas E. Marston, and George D. Painter. New Haven: Yale University Press, 1965.

THIETMAR. Pilgrimage. In PRINGLE, Denys. **Pilgrimage to Jerusalem and Holy Land, 1187-1291**. Burlington: Ashgate, 2012.

VINCENT de Beauvais. Speculum Maius. In PAULMIER-FOUCART, Monique; DUCHENNE Marie-Christine. **Vincent de Beauvais et le grand miroir du monde**. Turnhout: Brepols (Témoins de notre histoire), 2004.

1.3 ESTUDOS E OUTRAS OBRAS DE REFERÊNCIA

ADAMSON, Melitta Weis. **Food in Medieval Times**. Westport, Connecticut; London: Greenwood Press, 2004.

AGOSTINHO. Sobre o Gênesis, contra os maniqueus. In _____. **Comentário ao Gênesis**. São Paulo: Paulus, 2005. p. Livro II, XXI.

ALAMICHEL, Marie-Françoise; BIDARD, Josseline. **Des animaux et des hommes**. Paris: Presses de l'Université de la Sorbonne, 1998.

ALLSEN, Thomas T. **Commodity and exchange in the Mongol Empire**: a cultural history of Islamic textiles. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 1997.

_____. **Conquest and Culture in Mongol Eurasia**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____. **The royal hunt in Eurasian history**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2006.

ALSDORF, L. **The History of Vegetarianism and Cow-Veneration in India**. London: Taylor & Francis, 2010.

ANDERSON, A.R. **Alexander's Gate**. Gog and Magog and the enclosed nations. Cambridge: Medieval Academy of America, 1932.

ANGREMY, Annie. La Mappemundi de Pierre de Beauvais. **Romania**, vol. 104, n. 415, p. 316-350, 1983.

AQUIN, Thomas d'. Commentaire du Traité De l'âme d'Aristote, traduction inédite, présentation, notes et bibliographie par Jean-Marie Vernier. Paris: Vrin, 2007

AQUINAS, Thomas. **De potentia**. In _____ Selected Writings. London: Penguin Classics, 1999. Questão 5, artigo IX.

AQUINO, Tomás. **Suma Teológica**. 2ª ed. Porto Alegre/Caxias do Sul: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Livraria Sulina Editora, 1980.

ARISTOTE. **De la génération des animaux**: Texte établi et traduit. Paris: Les belles lettres, 1961.

AVERROES. **L'intelligence de la pensée** (extraits du Grand commentaire du *De anima* d'Aristote). Traduction d'Alain de Libera. Paris: Flammarion, 1998.

BASCHET, J. **A Civilização Feudal**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006.

BALARD, M. **Les latins en Orient**. XIe-Xve siècle. Paris: Presses Universitaires de France, 2006.

BACHRACH, Bernard S. Animals and warfare in early medieval Europe. In **L'UOMO di fronte al mondo animale nell'alto medioevo** (Settimane di Studi del Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo 31). Spoleto: Presso la sede del Centro, 1985.

BAKER, Craig (éd.). **Le bestiaire**, version longue attribuée à Pierre de Beauvais. Paris: Honoré Champion, coll. "Classiques français du Moyen Age", 2010.

BARAD, Judith. **Aquinas on the Nature and Treatment of Animals**. San Francisco: International Scholars Publication, 1995.

BARTHES, Roland. Pour une psycho-sociologie de l'alimentation contemporaine. **Annales ESC**, n.16, p. 977-986, 1961.

BARTHOLEYNS, Gil. L'enjeu du vêtement au Moyen Âge: de l'anthropologie ordinaire à la raison sociale (XIIIe-XIVe siècle). **Micrologus. Natura, scienze e società medievali. Nature, Sciences and Medieval Societies**. Firenze: SISMEL - Edizioni del Galluzzo, V. 15, p. 219-268, 2007.

BARTHOLEYNS, Gil. L'homme au risque du vêtement. Un indice d'humanité dans la culture occidentale. In _____. **Adam et l'Astragale: Essais d'anthropologie et d'histoire sur les limites de l'humain**. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 2009.

BECK, C; GUIZARD, F. (éd.). **La bête captive au Moyen Âge et à l'époque moderne**. Amiens: Encrage université, 2012.

BECKINGHAM, C. **Prester John, the Mongols and the lost tribes**. Aldershot, 1996.

BEDINI, Silvio. **The pope's elephant**. London: Carcanet Press, 1997.

BEJCZY, István. **La lettre du Prêtre Jean**. Une utopie médiévale. Paris: Éditions Imago, 2001.

BERLIOZ, Jacques; POLO DE BEAULIEU, Marie Anne (ed.). **L'animal exemplaire au Moyen Age** (Ve-XVe siècle). Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 1999.

BESCHTEL, G. **A carne, o diabo e o confessor**. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1998.

BICHON, Jean. **L'animal dans la littérature française au XIIe et au XIIIe siècles**. Lille: Service de reproduction des thèses, Université de Lille III, 1976, 2 t.

BIRRELL, Jean R. Les tribunaux de la forêt royale. **Études rurales**, n°103-104, p. 39-45, 1986. Disponible em: http://www.persee.fr/doc/rural_0014-2182_1986_num_103_1_3152 ;

BLANC, Odile. Le luxe, le vêtement et la mode à la fin du Moyen Age. **Bulletin du centre d'histoire économique et sociale de la région lyonnaise**, Paris, n. 4, p. 23-44, 1983.

BLUMENBERG, Hans. **La legibilidad del mundo**. Barcelona: Paidós, 2000.

BOAVENTURA, São. Legenda Maior de São Francisco. In **FONTES Franciscanas**. Vários tradutores e colaboradores. Santo André: Editora Mensageiro de Santo Antônio, 2004.

BORD, Lucien-Jean; MUGG, Jean-Pierre. **La chasse au Moyen Age: Occident latin, VIe-XVe siècle**. Aix-en-Provence: Éditions du Gerfaut, 2008.

BOUCHER, François. **História do vestuário no Ocidente: das origens aos nossos dias**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

BOULOUX, Nathalie. Les formes d'intégration des récits de voyage dans la géographie savante. Quelques remarques et un cas d'étude : Roger Bacon, lecteur de Guillaume de Rubrouck. In _____. **Géographes et voyageurs au Moyen Âge**. Paris: Presses Universitaires, 2010.

BRAUNSTEIN, Philippe. Forêts d'Europe au Moyen-Âge. **Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques**, 6, 1990. Disponible em: <http://ccrh.revues.org/2859>

BULLS of Pope Innocent IV addressed to the emperor of the Tartars. In DAWSON, C. **The Mongol Mission**. Narratives and letters of the Franciscan missionaries in Mongolia and China in the thirteenth and fourteenth centuries. Nova Iorque: Sheed and Ward, p. 74-75, 1955.

BUQUET, Thierry. Les animaux exotiques dans les ménageries médiévales. In TOUSSAINT, Jacques. **Fabuleuses histoires des bêtes et des hommes**. Namur: Trema - Société archéologique de Namur, 2013.

CAMPBELL, M. **The Witness and the Other Word**: Exotic European travel writing: 400-1600. Ithaca. New York: Cornell University, 1998.

CAPELLI L. M. **Primi studi sulle enciclopedie medievali**: Le fonti delle enciclopedie latine del XII secolo; Saggio critico. Modena: Namias, 1897.

CARMODY, Francis J. De Bestiis et Aliis Rebus and the Latin Physiologus. **Speculum** Vol. 13, No. 2, pp. 153-159, Apr 1938.

CERRATO, Frei Rodrigo de. **Vida de São Domingos**. Subsídios de formação dominicana: Textos das fontes O.P. s/a.

CHAREYRON. N. **Pèlerins de Jérusalem au Moyen-Âge**. Paris: Imago, 2000.

CHAUNU, P. **A Expansão Europeia do Século XIII ao XV**. São Paulo: Pioneira, 1978.

CHAUVET, David. **La personnalité juridique des animaux jugés au Moyen Âge (XIII^e – XVI^e siècle)**. Paris: L'Harmattan, 2012.

CHENU, M. D. **La Théologie au douzième siècle**. Paris: Vrin, 1976.

CIGNI, Fabrizio. **Il romanzo arturiano di Rustichello da Pisa**, Edizione critica, traduzione e note. Pisa: Pacini, 1996.

CLARK, Willene B; MCMUNN Meradith T. **Beasts and Birds of the Middle Ages**. The Bestiary and its Legacy. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989.

CLAIRVAUX, Bernard of, Apologia XII.29, as translated by Conrad Rudolph. In _____. **Things of Greater Importance**: Bernard of Clairvaux's Apologia and the Medieval Attitude Toward Art. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1990.

COLARDELLE, Michel (dir.). **L'homme et la nature au Moyen Âge**: Paléoenvironnement des sociétés occidentales. Paris: Editions Errance, 1996.

CONNOCHIE-BOURGNE, Chantai. **Mondes marins du Moyen Age**. Provence: Publication Université Provence, 2006.

CONSTABLE, G. **Three studies in medieval religious and social thought**. Cambridge: CUP, 1995.

_____. Monachisme et pèlerinage au Moyen Age. **Revue Historique**. v. 258, pp. 3-27, 1977.

CONTAMINE, Philippe. Le cheval “noble” aux XIVe-XVe siècles: une approche européenne. In **Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres**. 152e année, N. 4, pp. 1695-1726, 2008.

CORTONESI, Alfio. Cultura de subsistência e mercado: a alimentação rural e urbana na baixa Idade Média. In FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. **História da Alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

CORVOL, Andrée. **Histoire de la chasse: L'Homme et la Bête**. Paris: Perrin, 2010.

CRONACA di Fra Salimbene Parmigiano dell' ordine dei minori. Ed. Carlo Cantarelli Adamo. Vol I. Parma: Luigi Battei Editore, 1882.

CROSBY, Alfred. **Imperialismo Ecológico**. A expansão biológica da Europa: 900-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CURTIUS, Ernst. **Literatura Europeia e Idade Média Latina**. Tradução Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: HUCITEC, EDUSP. 1996.

DANIEL, E. **The franciscan concept of mission in the High Middle Ages**. Nova Iorque: Franciscan Pathways, 1992.

DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. São Paulo: Editora Escala, 2011.

DASTON, Lorraine; PARK, Katharine. **Wonders and the Order of Nature**. New York Zone Books, 1998.

DELORT, R. **Le commerce des fourrures en Occident à la fin du Moyen Age**: vers 1300 - vers 1450. Rome: École française de Rome, 1978.

_____. **Les animaux ont une histoire**. Paris: Éditions du Seuil, 1984.

_____. Les animaux et l'habillement. In **L'Uomo di fronte al mondo animale nell'alto medioevo** (Settimane di Studi del Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo 31). Spoleto: Presso la sede del Centro, 1985.

_____. **The life and lore of the elephant**. New York: Harry N. Abrams, 1992.

DELUMEAU, Jean. **A confissão e o perdão**. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

DELUZ, Christiane. Images et signes de l'Orient dans l'Occident medieval [Actes du Colloque d'Aix-en-Provence, février 1981]. **Senefiance**, Vol. 11, p. 143-162, 1982.

_____. Découvrir un monde imaginé, le Livre de Jean de Mandeville. In LECOQ, D.; CHAMBARD, A. **Terre à découvrir, terres à parcourir**. Exploration et connaissance du monde XIIe- XIXe siècles. Paris: L'Harmattan, 1998.

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. São Paulo: UNESP, 2002.

DITTMAR, Pierre-Olivier. **Naissance de la bestialité**. Une anthropologie du rapport homme-animal vers 1300, thèse de doctorat sous la direction de Jean-Claude Schmitt, Paris, EHESS, 2010.

DROUIN, Jean-Marc. **Reinventar a Natureza**. A ecologia e sua história. Instituto Jean Piaget, 1990.

DUBOIS, Jacques. Saint Guinefort Vénéré des Dombes. Comment un martyr inconnu fut substitué à un chien-martyr. **Journal des savants**, vol. 1, n° 1. p. 141-155, 1980.

DUBOIS, Jacques; LEMAITRE, Jean-Loup. **Sources et méthodes de l'hagiographie médiévale**. Paris: Cerf, 1993.

DUBY, G. **As Três ordens ou o imaginário do feudalismo**. Lisboa: Estampa, 1992.

_____. **Eva e os padres** - Damas do século XII, Companhia das Letras, 2001.

FALBEL, Nachman. **Os Espirituais Franciscanos**. São Paulo: EDUSP: FAPESP: Perspectiva, 1995.

FLANDRIN, Jean-Louis; e MONTANARI, Massimo. **História da Alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 1992.

_____. **As palavras e as coisas**. Tradução Salma Tannus. Muchail. 9.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FRANÇA, Susani S. L. **Mulheres dos outros: os viajantes cristãos nas terras a oriente (séculos XIII-XV)**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

_____. O além nos confins das terras do oriente. *Oracula* (UMESP), Ano 7, v. XII. p. 286-297, 2011.

_____. Os trajes e o reconhecimento de si e do outro pelos viajantes medievais. **Edad Media** (Valladolid), v. 14, p. 263-278, 2013.

_____. De um "falsário" a outro, de patranhas viageiras a legados críveis (século XV). **História** (São Paulo. Online), v. 34, p. 92-105, 2015.

FRESCOBALDI; GUCCI; SIGOLI. **Visit to the holy places of Egypt, Sinai, Palestine and Syria in 1384**. Jerusalém: Franciscan Press, 1948.

FUMAGALLI, M.T; PARODI, M; Due enciclopedie dell'Occidente medievale. **Rivista critica di storia della filosofia**, 40, pp. 51-90, 1985.

FUNKENSTEIN, Amos. **Theology and the scientific imagination from the Middle Ages to the seventeenth century**. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1986.

GADRAT, C. **Une image de l'orient au XIVème siècle: les Mirabilia descripta de Jordan Catala de Sévérac**. Paris: École des chartes, 2005.

_____. Introduction In MARIGNOLLI, Jean de. **Au jardin d'Éden**. Traduit du latin, présenté et annoté par Christine Gadrat. Toulouse: Anacharis Ed., 2009.

GANDILLAC, Maurice (ed.) **La Pensee encyclopedique au Moyen Age**. Neuchatel: UNESCO-Baconniere, 1966.

GAUNT, Simon. **Marco Polo's Le Devisement du Monde Narrative Voice, Language and Diversity**. Cambridge : D.S. Brewer, 2013.

_____. L'inquiétante étrangeté de la littérature de voyage en français au moyen âge. **Medioevo Romano**, n. 36, p. 57-81, 2010.

GAUVARD, Claude; DE LIBERA, Alain; ZINK, Michel (dir.). **Dictionnaire du Moyen Âge**. Paris: Quadrige/PUF, 2002.

GAZAGNADOU, Didier. Les postes à relais de chevaux chinoises, mongoles et mameloukes au XIIIe siècle: un cas de diffusion institutionnelle. In **La circulation des nouvelles au Moyen-Age: Actes des congrès de la Société des historiens médiévistes de l'enseignement supérieur public**, 24e congrès. Avignon, p. 243-250, 1993.

GIUCCI, G. **Viajantes do maravilhoso**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GONÇALVES, Rafael A. **Cristãos nas terras do Cã**. As viagens dos frades mendicantes nos séculos XIII e XIV. São Paulo: Editora da Unesp, 2013.

_____. Os laicos e a conversão dos orientais nos séculos XIII e XIV. **Dimensões: Revista de História da UFES**, v. 33, p. 429-451, 2014.

_____. O elefante e o rinoceronte em um duelo recontado entre os séculos XIII e XVI. **Revista Tempos Históricos**, v. 19, p. 440-460, 2015.

GONTIER Thierry. **De l'homme à l'animal: Montaigne et Descartes, ou les paradoxes de la philosophie moderne sur la nature des animaux**. Paris: Vrin, 1998.

GONZÁLEZ DE CLAVIJO, Ruy. **Embajada a Tamorlán**. Francisco López Estrada (ed.), Madrid: Castalia, 2005.

GRABOÏS, A. **Le pèlerin occidental en Terre sainte au Moyen Age**. Paris: De Boeck & Larcier S.A, 1998.

GRAHAM, Edward Kidder. **The De universo of Hrabanus Maurus: a mediaeval encyclopedia**. Chapel Hill: University of North Carolina at Chapel Hill, 1934.

GRANT, Robert M. **Early Christians and Animals**. New York: Routledge, 1999.

GREENBLATT, Stephen. **Possessões Maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo**. São Paulo: Edusp, 1996.

GRIECO, Allen F. Alimentação e classes sociais no fim da Idade Média e na Renascença. In FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. **História da Alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

GUÉRET-LAFERTÉ, M. **Sur les routes de l'empire mongol: Ordre et rhétorique des relations de voyage aux XIIIe et XIVe siècle**. Paris : Honoré Champion, 1994.

_____. L'Orient : Enfer ou Paradis ? Les représentations de l'au-delà dans quelques relations de voyage en Asie (XIIIe-XVe siècles) . In **Actes du colloque Enfer et Paradis**. L'au-delà dans l'art et la littérature en Europe (22-23 avril 1994), Les Cahiers de Conques, n° 1, pp. 233-244, 1995.

_____. Le prologue d'un pseudo-voyageur: Jean de Mandeville ». In **Seuils de l'œuvre dans le texte médiéval: études recueillies par Emmanuèle Baumgartner et Laurence Harf-Lancner**. Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle, p. 179-200, 2002.

_____. De l'inconnu au connu : la « découverte » de l'espace oriental par quelques voyageurs en Mongolie au XIIIe siècle. **Littérales**, Université Paris Ouest Nanterre La Défense, n° 45, p. 65-81, 2010.

HANSEN, João Adolfo. **Alegoria: construção e interpretação da metáfora**. Campinas: Hedra, 2006.

HARTOG, Leo de. **Genghis Khan: Conqueror of the World**. London: I. B. Tauris, 2000.

HARTOG, F. **O Espelho de Heródoto**. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

HEFFERNAN, Thomas J. **Sacred Biography: Saints and Their Biographers in the Middle Ages**. New York: Oxford University Press. 1988

HERÓDOTO. **História: o relato clássico da guerra entre gregos e persas; tradução: J. Brito Broca**. São Paulo: Ediouro, 2001.

HINNEBUSH, W. **Breve história dos pregadores**. Porto: Secretariado da Família Dominicana, 1985.

HOOYKAAS, R. **Os descobrimentos e o humanismo**. Lisboa: Gradiva, 1983.

HUNT, R. W. **The Schools and the Cloister: The Life and Writings of Alexander Nequam (1157—1217)**. Rev. M. T. Gibson. Oxford: Oxford University Press, 1984.

HYLAND, Ann. **The horse in the Middle Ages**. Gloucestershire: Sutton Publishing, 1999.

JACKSON, P. **The Mongols and the West. 1221-1410**. London: Pearson /Longman, 2005.

JHA, D. N. **The Myth of the Holy Cow**. London: Verso, 2002.

JÓNSSON, Einar M. **Le Miroir**. Naissance d'un genre littéraire. Paris: Les Belles Lettres, 1995.

KADOI, Yuko. Textiles in the Great Mongol Shahnama: A New Approach to Ilkhanid Dress. In DIMITROVA, Kate; GOEHRING, Margaret. **Dressing the part: textiles as propaganda in the Middle Ages**. Turnhout: Brepols, 2014.

KAPPLER, Claude. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KIPLE, Kenneth; ORNELAS, Kriemhild C. **The Cambridge World History of Food**. Volume I. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2000.

KRISHNA, N. **Sacred Animals of India**. New Delhi: Penguin Books India, 2010.

LANGLOIS, Charles. **La connaissance de la nature et du monde au moyen age d'apres quelques écrits francais a l'usage des laics**. Paris, 1911.

LAURIOUX, Bruno. **A Idade Média à mesa**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1989.

LE MESNAGIER de Paris. Édité par G.E. Brereton et J.M. Ferrier. Paris: Le Livre de Poche, 1994.

LECLERCQ, Henri. Gélasien (Décret). In **Dictionnaire d'archéologie chrétienne et de liturgie**, 4/1, 1924, col. 745-746 ; <http://www.thelatinlibrary.com/decretum.html>.

LECLERCQ, J. La separation du monde dans le monachisme au moyen âge. In :_____. **La séparation du monde**, Paris : Ed. du Cerf, 1961.

LECOUTEUX, C. **Au-delà du merveilleux**. Essai sur les mentalités du Moyen Âge. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 1998.

_____. **Les Monstres dans la pensée médiévale européenne**. Paris: Presses Universitaires de la Sorbonne, 1999.

LECOUTEUX, Claude. Les Cynocéphales. Étude d'une tradition tératologique de l'Antiquité au XIIe s. **Cahiers de civilisation médiévale**. 24e année (n°94), pp. 117-128, Avril-juin 1981.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido: Mitológicas 1**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

LE GOFF, J. **O Maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval**. Lisboa: Edições 70, 1983.

_____. **O imaginário medieval**. Lisboa: Edições 70, 1980.

LINZEY, Andrew. **Animal Theology**. Chicago: University of Illinois Press, 1994.

LOENERTZ, P. Les missions dominicaines en Orient au XIV siècle et la Société des Freres Pérégrinants pour le Christ. **Archivum fratrum praedicatorum**. Tom. II. Roma: Istituto Storico Domenicano, 1932.

LOISEL, G. **Histoire des ménageries de l'Antiquité à nos jours**. 3 vols. Paris: Octave Doin et fils, 1912.

LOPES, Paulo. **Viajar na Idade Média – A visão ibérica do mundo no Livro do Conhecimento**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005.

_____. Os livros de viagens medievais. **Medievalista** (Revista on-line), Instituto de Estudos Medievais (IEM), ano 2, v. 2, 2006. Disponível em <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA2/medievalista-viagens.htm>

L'UOMO di fronte al mondo animale nell'alto medioevo. Vol. I. Spoleto: Presso la sede del Centro, 1985.

MACEDO, José Rivair (Org.). **Os viajantes medievais da Rota da Seda**. Porto Alegre: EDUFRGS, 2011.

MAGALHÃES, Ana Paula.T. 'Nos qui cum eo fuimus': aspectos relacionados à gênese do estabelecimento da Ordem Franciscana (1209-1210). **Notandum** (USP), v. 1, p. 121-138, 2010.

MANGER ET BOIRE au Moyen Âge. Actes du colloque de Nice (15-17 octobre 1982). Centre d'études médiévales de Nice. Public. de la Fac. des Lettres et Sc. Humaines de Nice, 2 vol., Paris, 1984.

MARAVAL, Pierre (org.) **Récits des premiers pèlerins chrétiens au Proch-Orient** (IV^o-VII^o siècle). Paris: Du Cerf, 1996.

MARBODE de Rennes. **De lapidis ou Liber lapidum, seu De gemmis** (vers 1090). Sagesses minérales. Médecine et magie des pierres précieuses au Moyen Âge. Paris: Éditions Classiques Garnier, 2010.

MARCHELLO-NIZIA, Christiane. L'historien et son prologue : forme littéraire et stratégies. In POIRION, Daniel (dir.). **La chronique et l'histoire au Moyen-Âge**. Paris : Press. De l'université de Paris-Sorbonne, 1984.

MARROU, H. **Saint Augustin et la fin de la culture antique**. Paris: De Boccard, 1938.

MENARD, Philippe. L'édition du Devisement du Monde de Marco Polo. In **Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres**, 149^e année, N. 1, 2005.

MOLLAT, M. **Les explorateurs du XIIIe au XVIe siècle**. Premiers regards sur des mondes nouveaux. Paris: Editions du C.T.H.S, 1992.

MORNET, Élisabeth; MORENZONI, Franco (ed.). **Milieus Naturels, Espaces Sociaux: études offertes à Robert Delort**. Paris : Publications de la Sorbonne, 1997.

MÜLLER, Regina. Jean de Montecorvino, Premier archevêque de Chine. In **Neue Zeitschrift für Missionswissenschaft/Nouvelle Revue de Science Missionnaire**, 44, n ° 4, pp. 263-84, 1988.

MURPHY, James J. **La Retórica en la Edad Media**. Historia de la teoría de la retórica desde San Agustín hasta el Renacimiento. México: Fondo de la Cultura Económica, 1986.

NEWTON, A. P. **Travel and Travellers of the Middle Ages**. New York: Barnes & Noble, 1968.

O'GORMAN, E. **A invenção da América: Reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo**. São Paulo. UNESP, 1992.

OHLER, N. **The Medieval traveller**. New York: The Boydell Press, 1989.

ORVIEDO, Constantino de. **Vida e milagres de São Domingos**. Orvieto, Subsídios de formação dominicana: Textos das fontes O.P. s/a.

QUELLER, D. **The office of ambassador in the Middle Ages**. New Jersey: Princeton University Press, 1967.

PAULMIER-FOUCART, Monique; DUCHENNE Marie-Christine. **Vincent de Beauvais et le grand miroir du monde**. Turnhout: Brepols (Témoins de notre histoire), 2004.

PASTOUREAU, Michel. **Une histoire symbolique du Moyen Âge occidental**. Paris: Editions du Seuil, 2004.

_____. **Bestiaires du Moyen Âge**. Paris: Seuil, 2011.

_____. (ed.). **Le vêtement: Histoire, archéologie et symbolique vestimentaire**. Paris: Cahier du Léopard d'Or, 1989.

_____. "Símbolo". In SCHMITT, Jean-Claude et LE GOFF, Jacques. **Dicionário temático do Ocidente medieval**. São Paulo: Edusc/Imprensa Oficial, 2002.

_____. **Os animais célebres**. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2015.

_____. Les ménageries princières : du pouvoir au savoir (xiie-xvie siècle). **Micrologus**. Nature, Sciences and Medieval Societies (I saperi nelle corti. Knowledge at the Courts), vol. 18, pp. 3-30, 2008.

PELLIOT, P. Sur Yam Ou Ĵam, "relais Postal". **T'oung Pao**, n. 27, p. 192–195, 1930.

PETROPOULOU, M.-Z. **Animal Sacrifice in Ancient Greek Religion, Judaism, and Christianity, 100 BC to AD 200**. Oxford: Oxford University, 2008.

PIQUERAS, Ricardo, "Los perros de la guerra o el "canibalismo canino" en la Conquista". **Boletín americanista**, núm. 56, Barcelona, 2006.

POLO DE BEAULIEU, Marie Anne. Du bon usage de l'animal dans les recueils d'exempla. In BERLIOZ, Jacques; POLO DE BEAULIEU, Marie Anne (ed.). **L'animal exemplaire au Moyen Age** (Ve-XVe siècle). Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 1999.

POIREL, Dominique. **Livre de la nature et débat trinitaire au XIIIe siècle**: le De tribus diebus de Hughes de Saint-Victor. Turnhout: Brepols, 2002.

POWER, E. The opening of the land routes to Cathay. In NEWTON, A. P. **Travel and Travellers of the Middle Ages**. New York: Barnes & Noble, 1968.

RACHEWILTZ, Igor de. **Papal Envoys to the Great Khans**. London: Faber, 1971.

RAMOS-REGIDOR, José. **Teologia do Sacramento da Penitência**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

REDON, Odile; SABBAN, Françoise; SERVENTI, Silvano. **La gastronomie au Moyen Âge**. Paris: Stock, 1991.

REGRA de São Bento. In PACÔMIO [et al.]. **Regra dos monges**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1993.

RESL, Brigitte (ed.). **A cultural history of animals in the Medieval Age**. Oxford, New York: Berg, 2007.

REY, Alain. **Miroirs du Monde**: Une histoire de l'encyclopédisme. Paris: Fayard, 2007.

RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. Entre saberes e crenças: O mundo animal na Idade Média. **História Revista** (UFG. Impresso), v. 18, p. 135-150, 2013.

_____; DUARTE MENDES, Terezinha. A cartografia medieval. O mundo dos homens e o mundo de Deus. **OP SIS** (UFG), v. 10, p. 27-42, 2010.

RIBÈMONT, Bernard. **De natura rerum**. Études des encyclopédies du Moyen Age. Orléans: Paradigme, 1995.

_____. La licorne, un animal exotique? **Bien dire et bien apprendre**, n. 26, p. 99-119, 2008.

_____. **Le Livre des propriétés des choses, une encyclopédie au XIVe siècle**. Paris: Stock, 1999.

RICHARD, J. **La papauté et les missions d'Orient au moyen âge (XIIIe-XVe siècles)**. Rome: Collection de l'École Française de Rome 33, 1998.

_____. **Les récits de voyage et de pèlerinage**. Turnhout: Brepols, 1981.

_____. L'Extrême-Orient légendaire au Moyen Âge: Roi David et Prêtre Jean. **Annales d'Ethiopie**. Volume 2, N. 1, pp. 225-244, 1957.

_____. **Histoire des croisades**. Paris: Fayard, 1996.

_____. **Au-delà de la Perse et de l'Arménie**; l'Orient latin et la découverte de l'Asie intérieure: quelques textes inégalement connus aux origines de l'alliance entre Francs et Mongols, 1145-1262. Turnhout: Brepols, 2005.

RORTY, Richard. **Filosofia e o espelho da natureza**. Trad. Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

ROSS, E. Dison. Prester John and the Empire of Ethiopia. In NEWTON, A. P. **Travel and Travellers of the Middle Ages**. New York: Barnes & Noble, 1968.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

ROUX, J. P. **Les explorateurs au Moyen Age**. Paris: Fayard, 1985.

RYAN, J. To Baptize Khans or to Convert Peoples? Missionary Aims in Central Asia in the 14th Century. In ARMSTRONG, G e WOODS, D. **Christianizing Peoples and Converting Infidels**. Turnhout: Brepols Press, 2000.

_____. Conversion vs. Baptism? European Missionaries in Asia in the Thirteenth and Fourteenth Centuries In MULDOON, J. **Varieties of Religious Conversion in the Middle Ages**. Gainesville: University Press of Florida, 1997.

SCHMITT, Jean-Claude. **Le Saint Lévrier**. Guinefort, guérisseur d'enfants depuis le XIIIe siècle. Paris: Flammarion, 1979.

SACROBOSCO, Johannes. **Tratado da Esfera**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

SALISBURY, Joyce E. **The Beast Within: Animals in the Middle Ages**. London and New York: Routledge, 1994.

_____. Do Animals Go to Heaven? Medieval Philosophers Contemplate Heavenly Human Exceptionalism. **Journal of Humanities & arts**, 1, 1, pp. 79-85, 2014.

SALTER, David. **Holy and Noble Beasts Encounters with Animals in Medieval Literature**. Cambridge D. S. Brewer, 2001.

SAN BERNARDO de Claraval. **Obras completas de San Bernardo**. Vol. VII. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1990.

SAXÔNIA, Beato Jordão de. **Opúsculo sobre as origens da Ordem dos Pregadores**. Subsídios de formação dominicana: Textos das fontes O.P. s/a.

SCALAN, James J. **Albert the Great, Man and the Beasts: De Animalibus Books 22-26.** New York: Medieval & Renaissance Texts & Studies, 1987.

SICARD, Patrice. **Hugues de Saint Victor et son école.** Turnhout: Brepols, 1991.

SIGAL, P-A. **Les marcheurs de Dieu.** Pèlerinages et pèlerins au Moyen Age. Paris: Armand Colin, 1974.

SILVERSTEIN, Adam J. **Postal Systems in the Pre-Modern Islamic World.** Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

SILVI, Christine, **Science médiévale et vérité.** Étude linguistique de l'expression du vrai dans le discours scientifique en langue vulgaire. Paris: Champion (Bibliothèque de grammaire et de linguistique, 15), 2003.

SINGER, Peter. **Libertação animal.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SINOR, Denis. Un voyageur du treizième siècle: le Dominicain Julien de Hongrie. **Bulletin of the School of Oriental and African Studies**, University of London, Vol. 14, No. 3, pp. 580-602, 1952.

SORABJI, Richard. **Animal Minds & Human Morals: The Origins of the Western Debate.** London: Duckworth, 1993.

SORRELL, Roger D. **St. Francis of Assisi and Nature: Tradition and Innovation in Western Christian Attitudes toward the Environment.** New York: Oxford University, 1988.

SPINEI, Victor (2008). The Cuman bishopric—Genesis and evolution. In CURTA, Florin; KOVALEV, Roman. **The Other Europe in the Middle Ages: Avars, Bulgars, Khazars, and Cumans.** Leiden: Brill, 2008.

STEEL, Carlos; GULDENTOPS, Guy; BEULLENS, Pieter. **Aristotle's animals in the Middle Ages and Renaissance.** Leuven/Louvain: Leuven University Press, 1999.

STRUBEL, Armand. **Allégorie et littérature au Moyen Age.** Paris : Honoré Champion, 2002.

THOMAS, Keith. **O Homem e o mundo natural.** Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TOLAN, J. **Saint Francis and the Sultan: The Curious History of a Christian-Muslim Encounter.** Oxford: Oxford University Press, 2009.

TOMÁS de Celano. Segunda vida. In **FONTES Franciscanas.** Santo André: Ed. Mensageiro de Santo Antonio, 2005.

TOUATI, Houari. **Islam et voyage au Moyen Âge: Histoire et anthropologie d'une pratique lettrée.** Paris: Seuil, 2000.

TURNBULL, Stephen. **Genghis Khan and the Mongol Conquests: 1190-1400**. Oxford: Osprey, 2003.

VAN DEN ABEELE Baudouin. **Bestiaires medievales: Nouvelles perspectives sur les manuscrits et les traditions textuelles**. Louvain-la-Neuve: Publications de l'institut d'études medievales, 2005.

_____. L'allégorie animale dans les encyclopédies latines du Moyen Âge In. In BERLIOZ, Jacques; POLO DE BEAULIEU, Marie Anne (ed.). **L'animal exemplaire au Moyen Age (Ve-XVe siècle)**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 1999.

_____. **La littérature cynégétique** (Typologie des sources du Moyen Age occidental, 75; 75), Louvain-la-Neuve: Institut d'études médiévales, 1996.

VARAZZE, Jacopo. **Legenda Áurea: vidas de santos**. (Tradução, introdução e notas de Hilário Franco Jr.) São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VARNER, John G; VARNER Jeannette. **Dogs of the Conquest**. Norman: University of Oklahoma Press, 1983.

VÁSÁRY, István. **Cumans and Tatars: Oriental Military in the Pre-Ottoman Balkans, 1185–1365**. Cambridge University Press, 2005.

VAUCHEZ, A. **A espiritualidade na Idade Média Ocidental: séculos VIII à XIII**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

VEYNE, P. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história**. Brasília: UnB, 1982.

VOISINET, Jacques. **Bêtes et hommes dans le monde medieval**. Turnhout: Brepols, 2000.

WEISHEIPL, James A. **Nature and Motion in the Middle Ages**. Ed. William E. Carroll. Washington: Catholic University of America Press, 1985.

WESTREM, Scott D. **Broader Horizons: A Study of Johannes Witte de Hese's Itinerarius and Medieval Travel Narratives**. Cambridge, MA: Medieval Academy of America, 2001.

WITTKOWER, R. **L'Orient fabuleux**. Paris: Thames and Hudson, 1991.

WHITE, L. The historical roots of our ecologic crisis. **Science**, 153, pp. 1203–1207, 1967.

WOLFZETTEL, Fr. **Le Discours du voyageur**. Paris: PUF, 1996.

WRIGHT, Thomas. **Popular Treatises on Science** written during the Middle Ages in Anglo-Saxon, Anglo-Norman and English. London: R. and J. E. Taylor Society, 1841.

YAMAMOTO, Dorothy. **The Boundaries of the Human in Medieval English Literature**. Oxford, New York: Oxford University Press, 2000.

YOKKAICHI, Yasuhiro. Horses in the East-West Trade between China and Iran under Mongol Rule. In FRAGNER, Bert G. (et. al) (ed.). **Pferde in Asien**: Geschichte, Handel und Kultur. Wien: Österreichische Akademie der Wissenschaften, 2009.

YVINEC, Jean-Hervé. Éléments de synthèse sur l'alimentation camée durant le haut Moyen Age dans le Douaisis. In COLARDELLE, Michel. **L'homme et la nature au Moyen Age**: Archeologie. Paris: Editions Errance, 1996.

ZEILER, Xenia. Benevolent Bulls and Baleful Buffalos. Male Bovines versus the 'Holy Cow' in Hinduism. In Deane-Drummond, Celia; Artinian-Kaiser, Rebecca; Clough, David L. **Animals as Religious Subjects**: Transdisciplinary Perspectives. London/New York: Bloomsbury T&T Clark, 2013.

ZACHER, C. **Curiosity and Pilgrimage**: The Literature of Discovery in Fourteenth-Century England. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1976.

ZUCKER, Arnaud. Introduction. In **PHYSIOLOGOS**, le bestiaire des bestiaires. Paris: Jérôme Million, 2004.

ZUMTHOR, P. **La Medida Del Mundo** - Representación del espacio en la Edad Media. Madrid: Cátedra, 1994.